

O português falado por descendentes de holandeses em Carambeí (PR) e os róticos em coda

Letícia Fraga
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: Este trabalho apresenta a caracterização acústica dos róticos em coda no português carambeense falado pelas 2ª e 3ª gerações de descendentes de holandeses, comparando-os. Apesar do cunho fonético do trabalho, acredita-se que os dados obtidos poderão auxiliar uma futura pesquisa de cunho variacionista, já que estudos anteriores (Fraga, 2005; Fraga, 2006a) apontam haver uma mudança em curso no que diz respeito aos róticos em coda no português carambeense. Considerando a situação de contato entre o holandês e o português e o bilingüismo dos descendentes de holandeses resultante desse contato, analisou-se também o /r/ em coda no holandês falado pelos mesmos informantes, apesar de a 3ª geração de descendentes ser pouco fluente na língua. Os dados em holandês foram comparados aos dados em português, no sentido de se verificarem possíveis semelhanças acústicas entre esses sons.

Palavras-chave: róticos; estudo acústico; fonética experimental; bilingüismo português/holandês; contato de línguas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresentará a caracterização acústica dos róticos em coda no português carambeense falado por descendentes de holandeses de 2ª e 3ª gerações, comparando-os. Apesar da natureza fonética do trabalho, acredita-se que os dados obtidos poderão auxiliar uma posterior pesquisa de cunho variacionista, já que estudos anteriores (Fraga, 2005; Fraga, 2006a) apontam haver uma mudança em curso no que diz respeito aos róticos em coda no português carambeense.

Considerando a situação de contato entre holandês e português e o bilingüismo dos descendentes de holandeses resultante desse contato, analisou-se também o /r/ em coda no holandês falado pela 2ª e 3ª gerações, apesar de a 3ª geração ser pouco fluente na língua. A análise dos róticos em coda no holandês será comparada com a análise dos róticos em coda no português falado pelos mesmos informantes, no sentido de se verificarem possíveis semelhanças entre esses sons.

Do ponto de vista teórico, discutir-se-ão algumas propostas de análises do *status* fonológico dos róticos em PB – a partir de Monaretto et al. (2001), Câmara Jr. (1953), Bonet e Mascaró (1996), Harris (2002), Lopez (apud Monaretto, 2001) e Abaurre e Sândalo (2003) –, assim como propostas de descrições fonética e acústica dos róticos no PB – a partir de Lindau (1980), Lehiste (1962), Silva (1996), Leite (2004) e Ferraz (2005). O estudo acústico se limitará às análises das medidas de F1, F2 e F3 nos *corpora* em português e em holandês.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os “holandeses”¹ de Carambeí

Entre as sete colônias holandesas localizadas no Brasil, Carambeí² é a mais antiga. Os primeiros imigrantes que se fixaram em Carambeí, em 1911, vieram de Irati, da colônia “Gonçalves Júnior” – para onde se dirigiram inicialmente, em 1909 – a qual era composta também de alemães, poloneses e italianos. Após a curta permanência em Irati, os imigrantes decidiram tentar a sorte em Carambeí, onde a Brazilian Railway Company oferecia terras e condições favoráveis à instalação dos colonos.

Quando chegaram a Carambeí, os holandeses receberam suas terras e fundaram uma pequena indústria de laticínios. Aos poucos, como a Brazilian Railway Company deixou de requisitar seus serviços, os colonos de outras nacionalidades (italianos e poloneses) abandonaram Carambeí. Somente os holandeses e alguns alemães permaneceram na cidade, graças às suas já estabelecidas criação de gado leiteiro e produção de laticínios.

No momento da formação do núcleo, os colonos de Carambeí estabeleceram-se em área rural, em colônia quase homogênea etnicamente, em uma época quando as vias de comunicação eram poucas e os contatos extragrupais, raros. Com o passar do tempo, as mudanças da sociedade receptora

¹ Neste trabalho, convencionou-se designar os imigrantes do Reino dos Países Baixos e seus descendentes como “holandeses”, em respeito a sua autodenominação.

² Município desmembrado de Ponta Grossa, Paraná. Localiza-se no planalto paranaense, a 1.100m acima do nível do mar.

contribuíram para a diminuição das distâncias físicas e culturais, operando modificações na sociedade minoritária. Assim, a noção de distância sofreu constante modificação a partir dos contatos que os imigrantes realizam com a sociedade receptora e esta com aqueles. Ao mesmo tempo em que a colônia procura os centros urbanos próximos, por necessidades comerciais, educacionais ou de lazer, as melhorias das vias de comunicação e a penetração dos meios de comunicação na comunidade aceleram o processo dessa mudança, e a distância física diminui a partir da proximidade de identificação cultural, facilitando a assimilação e aculturação. Por essa razão, a noção de colônia localizada em área rural muitas vezes diz respeito somente à atividade exercida pelos colonos e à colonização propriamente dita, já que o contato próximo com o mundo, através das vias e meios de comunicação, extrapola essa localização de espaço, integrando-a a um contexto global dentro da realidade do País. A partir do momento em que se iniciou essa integração, as línguas portuguesa e holandesa entraram em contato, cujas conseqüências serão discutidas brevemente a seguir.

O contato português/holandês e suas implicações

Não há línguas livres de contato em sentido amplo (Couto, 2006). É possível que algumas línguas não mantenham contato direto (em termos geográficos) com outras línguas, porém, esse contato se dá ao menos indiretamente – por meios de comunicação de massa, por exemplo. Além disso, não existem apenas contatos interlíngüísticos. Há também os contatos intralingüísticos, ou interdialetais, sem falar dos contatos intergeracionais ou etários. Por essas razões, toda língua concreta é mista em diversos graus (Givón apud Couto, 2006).

Existem diversas manifestações de contato interlingüístico. O mais comum é que se estabeleça contato entre um dialeto de uma ‘língua 1’ e um dialeto de uma ‘língua 2’. Isso foi o que se deu entre o português e o holandês em Carambeí. Nesse caso, o contato não se estabeleceu entre o português padrão e o holandês padrão,³

³ O neerlandês normativo é uma variedade do neerlandês moderno, baseado principalmente no dialeto de Amsterdã. A língua foi e é conhecida sob vários nomes. A denominação ‘neerlandês’ é muito recente e ainda coexiste com as designações ‘holandês’ e ‘flamengo’.

mas entre um dialeto do português (do interior do Paraná) e um dialeto do holandês (dos imigrantes). Além disso, muitas vezes também se dá o contato entre um dialeto de uma 'língua 2' e a variedade padrão de uma 'língua 1', e vice-versa, situação essa que pode ser exemplificada pelo contato que se estabeleceu entre o português padrão da escola brasileira e o dialeto falado pelos imigrantes holandeses, no contexto de ensino formal.⁴

A expressão "línguas em contato" implica uma visão estática de língua. Dessa forma, alguns autores propõem expressões como "contato de línguas", "línguas de contato" e/ou "línguas resultantes do contato" (mistas), de forma a evitar a imobilidade implícita na expressão usual. Essa visão dinâmica tem a ver com o objetivo desta pesquisa, que é o de examinar as conseqüências advindas do contato entre holandeses e luso-brasileiros e entre o dialeto holandês e o PB de Carambeí.

O conceito de contato de línguas não é muito exato. O que entra em contato diretamente entre si não são línguas, mas os povos ou populações que as falam ou, mais freqüentemente, membros representantes desses povos. Quando se fala em contato entre línguas, ou em seus resultados o que se tem em primeiro lugar é o 'povo 1' e sua 'língua 1', que entra em contato com 'povo 2' e sua 'língua 2'.

Como se vê, a própria idéia de contato tem a ver com a interação, ou melhor, o contato é um tipo de interação. Ele é, por assim dizer, a comunicação coletiva, enquanto a interação comunicativa propriamente dita se dá, sobretudo, de forma intra ou intercomunitária, ou seja, entre indivíduos dos grupos em contato. Ora, a interação é o contexto maior em que se insere a comunicação, que é o centro de toda atividade lingüística. É da interação comunicativa, ou de tentativas tateantes de interação comunicativa, que emergem as línguas.

Se a interação for competitiva ou de rivalidade, o agregado momentâneo de pessoas poderá se auto-aniquilar. Se for cooperativa, como no caso da colônia de Carambeí, instaurar-se-á uma comunhão de interesses, de forma tal que o agrupamento

⁴ Somente em 1953, a colônia recebeu sua primeira professora. Durante 25 anos, não houve ensino escolar oficial regular na colônia, cabendo a educação não-formal dos colonos aos pioneiros. A partir de então, o sistema escolar formal instituiu-se na colônia, nos moldes brasileiros.

evoluirá para uma comunidade. Isso significa que o português e o holandês necessariamente se transformaram um ao outro pelo contato.

Além das semelhanças ou dessemelhanças entre as línguas e as culturas dos povos que entram em contato, há outros fatores que influem no resultado do contato. Entre os mais importantes estão a intensidade, a duração e o lugar do contato. Por intensidade do contato, entende-se tanto a pressão (política e cultural) que o povo dominante exerce sobre os povos dominados, quanto a quantidade de interação entre membros de ambas as partes. Daí decorrem o poder e o prestígio desse povo sobre o outro. Nessas circunstâncias, geralmente são os povos dominados ou de menor prestígio que tentam aprender a língua do povo presumivelmente superior. Nesse caso, se o contato é superficial, só podem ocorrer empréstimos de itens lexicais.⁵ Se ele se torna mais intenso, podem ocorrer empréstimos fonéticos,⁶ sintáticos e até morfológicos, nessa ordem, segundo Dauzat (apud Couto, 2006). Se o contato é duradouro, o número de empréstimos tende a aumentar. Isso se dá se o número de falantes da língua tomadora de empréstimo for numericamente muito inferior ao de falantes da língua doadora.

A presença de mais de uma língua em uma mesma comunidade de fala pode provocar o surgimento de indivíduos multilíngües ou, pelo menos, bilíngües. Em Carambeí, por exemplo, a maioria dos descendentes de holandeses é bilíngüe, falando português e holandês. Em geral, o bilingüismo implica certa diglossia (Ferguson, 1974), ou seja, uma das línguas tem *status* de prestígio e a outra é estigmatizada. Esse é claramente o caso de Carambeí, onde o português é a língua de prestígio e o holandês, a língua socialmente inferiorizada (Fraga, 2005a).⁷

⁵ No holandês de Carambeí, por exemplo, utilizam-se, há muito tempo, as palavras ‘caminhão’ e ‘portão’, do português, apesar de haver palavras equivalentes no holandês (FRAGA, 2006b).

⁶ Esses empréstimos podem ser representados pela presença das aproximante alveolar e retroflexa no holandês falado pela 3ª geração carambeense.

⁷ Apesar de esta ser uma discussão importante, esse trabalho não abordará a questão do *status* da língua holandesa entre os descendentes de holandeses de Carambeí. Para um debate preliminar sobre o assunto, ver Fraga (2005).

A seguir, discutir-se-á a questão do *status* fonológico dos róticos no PB – a partir de Monaretto et al. (2001), Câmara Jr. (1953), Bonet e Mascaró (1996), Harris (2002), Lopez (apud Monaretto, 2001) e Abaurre e Sândalo (2003). Na seqüência, examinar-se-ão propostas de descrições fonética e acústica dos róticos no PB de Lindau (1980), Lehiste (1962), Silva (1996), Leite (2004) e Ferraz (2005). Por fim, se apresentará a descrição fonético-fonológica dos róticos do holandês padrão de Gillis e De Houwer (1998).

Descrição fonológica dos róticos do PB

Os róticos⁸ constituem uma classe peculiar, pois geralmente são grafados pela mesma letra nas línguas em que ocorrem (Ladefoged; Maddieson, 1996), diferentemente de outras classes de sons nas quais é possível reconhecer características fonéticas comuns. As variedades mais comuns dos róticos (Ladefoged; Maddieson, 1996) são vibrantes, *tepes*,⁹ fricativas e aproximantes.

Monaretto et al. (2001) afirmam que os sons do *r*-forte (vibrante) no PB podem corresponder tanto a uma vibrante propriamente dita, quanto a uma fricativa ou a uma aspirada. Alguns estudos fonéticos e fonológicos que tratam desse assunto propõem um interessante quadro para descrever a variação dos róticos em diversas línguas. No caso das línguas ibéricas, não é difícil perceber e registrar tais variedades. No entanto, não há um consenso com relação ao *status* fonológico do “*r*” intervocálico, ou seja, trata-se de um ou de dois fonemas?

Nesse contexto, há oposição fonológica entre /*r*/ e /*r*/, a qual pode ser ilustrada, em português, pelo exemplo de *carro* e *caro*. Para explicar por que essa oposição se dá somente nesse

⁸ Os sons de /*r*/ também podem ser chamados róticos, aportuguesamento do inglês *rhotics*. Essa nomenclatura, segundo Ladefoged e Maddieson (1996), é menos informal. Róticos ou sons de /*r*/ não podem ser identificados mediante características articulatorias comuns, mas por outros fatores, como sinal ortográfico utilizado ou – com acentuada freqüência – pela posição que ocupam nas estruturas silábicas de diferentes línguas (LADGEFOGED; MADDIESON, 1996).

⁹ Há ainda, proposta pelos autores, a distinção articulatoria entre *tepes* e *flaps*, principalmente pela maneira como a língua posiciona-se em direção aos articuladores passivos. No entanto, a exemplo de Lindau (1980), muitos linguístas desconsideram essa distinção.

contexto, encontram-se duas alternativas na literatura da área: considerar que existem dois fonemas vibrantes em português, forte (vibrante) e fraco (tepe); considerar que há apenas um fonema, o qual, para alguns estudiosos, é a vibrante e, para outros, é o tepe. Essa controvérsia a respeito dos róticos será tratada a seguir, a partir das propostas de Mattoso Câmara Jr. (1953; 1977), Bonet e Mascaró (1996), Harris (2002), Lopez (apud Monaretto, 2001) e Abaurre e Sândalo (2003).

Dois fonemas róticos: /r/ e /r̄/

Bonet e Mascaró (1996) afirmam que há dois fonemas róticos, /r/ e /r̄/, em catalão, espanhol e português, pois, nessas línguas, há contraste em posição intervocálica entre vibrante e tepe. Nos demais ambientes, a distribuição desses fonemas é totalmente previsível, de modo que ocorrem como descrito a seguir: em início de palavra ocorre a vibrante; o tepe aparece na segunda posição de um ataque; e em posição de *coda*, os róticos variam em função do dialeto, da taxa de elocução e de outros fatores que são capazes de alterar a posição final de uma sílaba.

A distribuição dos róticos nas línguas ibéricas pode ser explicada, segundo Bonet e Mascaró (1996), por meio de uma escala de sonoridade, na qual a vibrante coloca-se na mesma posição que as fricativas, enquanto o tepe anexa-se aos *glides*, conforme o esquema que segue:

0 1 2 3 4 5

Oclusivas - r-forte, fricativas - nasais - laterais - r-fraco, *glides* - vogais

Segundo os autores, o princípio do Ciclo de Sonoridade de Clements (apud Bisol, 2001)¹⁰ favorece a vibrante em posição de ataque silábico, uma vez que, comparada ao tepe, causaria uma subida brusca de sonoridade; apenas o tepe ocupa a segunda posição de ataque, pois a vibrante violaria a distância mínima permitida pela escala de sonoridade; na *coda*, se priorizaria o r-fraco, já que a queda de sonoridade deve ser gradual.

¹⁰ O Ciclo de Sonoridade (CLEMENTS apud BISOL, 2001) indica que a sílaba preferida tem um crescimento máximo de sonância do início para o núcleo e decresce minimamente para a *coda*.

No que se refere à oposição entre vibrante e tepe em posição intervocálica, os autores ressaltam que ocorre algo não esperado. O tepe encontra-se em posição de ataque, realização não-prevista pelos princípios do Ciclo de Sonoridade, uma vez que era esperada uma vibrante nessa posição.

A análise de Bonet e Mascaró (1996) leva aos seguintes resultados: VC.[r]V (hon.[r]a) e V.[r]V (pe.[r]o) são consideradas construções bem formadas, enquanto (*hon[r]a) não o é. No entanto, uma construção como se[r], considerada bem formada por falantes de Porto Alegre (RS), por exemplo, é prevista como mal formada pela análise, uma vez que, nessa posição, é preferível que haja uma queda gradual de sonoridade. Como este último exemplo mostra justamente o contrário, ou seja, uma queda brusca de sonoridade, pode-se dizer que essa análise tem pontos questionáveis.

Um fonema rótico: /r/

Monaretto (2001) considera que o fonema rótico da língua portuguesa é o r-brando. No intuito de sustentar seu ponto de vista, apóia-se nos princípios da Fonologia Autossegmental para analisar dados da fala do Sul do País.

Por meio da análise da distribuição da vibrante no português falado no Sul do País, pode-se afirmar que o contraste entre os dois tipos de “r” ocorre somente entre vogais, contexto em que a substituição de um pelo outro acarreta mudança de significado; há um contexto exclusivo para a vibrante simples, o intervocálico, e outro para a vibrante forte, o de posição inicial; na posição pós-vocálica, a substituição de um pelo outro não altera o sentido, e a variação, nesse ambiente, é previsível.

A pesquisa sobre a vibrante na fala do Sul do País revelou que não existe distribuição defectiva entre as duas vibrantes. Há a substituição de uma variante por outra em todos os contextos, até mesmo entre vogais. Isso permite acreditar que os falantes interpretam as duas vibrantes como variantes da mesma unidade fonológica.¹¹

¹¹ Vale afirmar que essas observações impressionistas de Monaretto (2001) merecem um estudo detalhado de naturezas acústica e auditiva que as comprovem.

Um fonema rótico: /r/

Na versão de 1953 da obra *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, Câmara Jr. propõe que existe apenas um fonema rótico na forma subjacente, /r/. O tepe seria uma variante posicional enfraquecida.

Para justificar essa posição, o autor utiliza argumentos de natureza diacrônica. Segundo Câmara Jr., em latim, em posição intervocálica, havia um /r/ que podia ser geminado, como qualquer outra consoante, e um /r/ simples; portanto, a oposição simples/geminado era distintiva. Na evolução histórica do sistema consonantal do português, a geminação reduziu-se a uma vibrante múltipla em oposição a um /r/ simples.

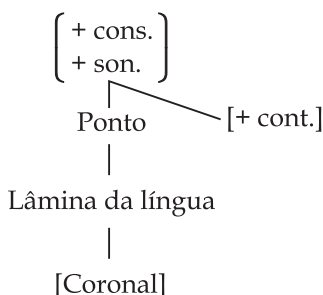
Em seguida, na edição de 1977 da mesma obra, Câmara Jr. revê sua análise e, com base em argumentos de natureza fonética, defende a existência de dois fonemas vibrantes que se opõem apenas em posição intervocálica. Em outras posições, inclusive na posição mais favorável para a nitidez das consoantes, que é a inicial e onde só aparece /r/ forte, há neutralização.

Revisitando Câmara Jr., versão de 1953, Abaurre e Sândalo (2003) retomam a discussão sobre os róticos nas línguas ibéricas a partir do quadro gerativo. Atendendo aos critérios de naturalidade, simplicidade, economia e poder de predição, propõem a existência, no português, de um único fonema rótico na forma subjacente, a vibrante. Desse modo, assumem que o r-forte nas línguas ibéricas é um epifenômeno de dois “r” subjacentes que não se tornam superficiais, por um efeito de OCP.¹²

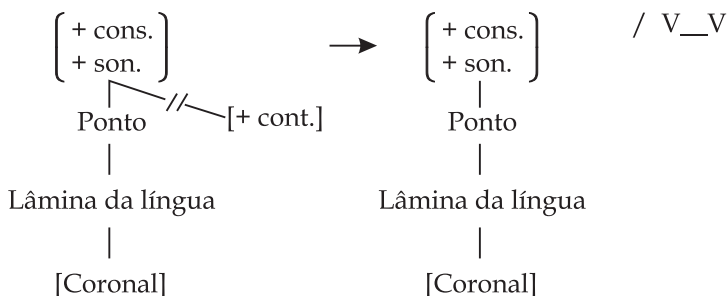
Abaurre e Sândalo (2006) propõem uma representação dos róticos do PB a partir da Geometria de Traços de Halle. Se a vibrante

¹² OCP é o princípio que estabelece que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Inicialmente, foi proposto por Leben (apud BISOL, 2001). Mais tarde, foi estendido por McCarthy (apud BISOL, 2001) para explicar a estrutura das sílabas. O *Obligatory Contour Principle* explica por que é freqüente o fato de as línguas vivas evitarem segmentos idênticos adjacentes ou mesmo segmentos adjacentes com o mesmo ponto de articulação. Em inglês, por exemplo, seqüências como *[pw] são consideradas mal formadas, enquanto [tw] (*twin*) e [kw] (*queen*) são bem formadas.

é o elemento subjacente do /r/, sua representação, em termos de traços, é:



Assim como Câmara Jr., as autoras acreditam que o rótico intervocálico sofra um processo de enfraquecimento, o qual se dá pelo desligamento do traço [+ contínuo].



A atividade dessa regra no português pode ser comprovada pela alternância na pronúncia do rótico em *mar* e *mar azul*, nos dialetos que realizam o r-forte como fricativa. A partir dessa representação da vibrante, também se pode derivar a representação da fricativa glotal: (a) o nódulo de ponto é desligado (debucalização) e, conseqüentemente, segundo Halle (1968), (b) a raiz se transforma em [-consonantal]. Vale ressaltar que, em contexto de ênfase, a vibrante pode ser resgatada, o que torna evidente o processo de debucalização descrito.

A ocorrência de uma fricativa velar pode ser representada a partir da vibrante, se considerarmos que ocorre o desligamento dos traços de ponto e a implementação do traço dorsal como *default*.

Além desse *r*, relata-se a ocorrência (rara) de uma vibrante uvular em posição de *coda*, a qual é resultado de um processo de posteriorização da vibrante em que o ponto alveolar foi substituído.

Segundo a análise acima, que sustenta a hipótese de que a vibrante é a forma subjacente, a vibrante múltipla e a vibrante simples, encontradas nos resultados deste trabalho, podem ser representadas conforme o esquema anterior.

Para a proposta de derivação da mudança lingüística apontada nos estudos de Callou et al. (1997), que é $r > R > x > h > \emptyset$, Abaurre e Sândalo (2003) propõem duas alternativas: em dialetos menos conservadores, a mudança se dará como $r > R > h$; ou, nos dialetos mais conservadores, ocorrerá $r > x > h$, o que parece ser o caso do português falado em Carambeí.

Descrição fonética dos róticos do PB

No português do Brasil, segundo Cristófaros Silva (1999), os róticos em posição de *coda* silábica são condicionados pela faixa etária, por fatores sociais, estilísticos e geográficos. No PB, /*r*/ pode ser realizado, em posição de *coda*, como [x, ʁ, h, fi, r, ɹ, ʀ, ʁ, χ, ɹ]. Já no estado do Paraná, na região dos Campos Gerais (à qual pertence a cidade de Carambeí), segundo o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (Koch, Klassmann, Altenhofen, 2002), o “*r*” em *coda* é realizado como [ɹ]. A seguir, apresentamos esquema do sistema fonético dos róticos em posição de *coda* silábica no português brasileiro.

Tabela 1: Sistema fonético do português brasileiro, adaptado de Cristófaros Silva (1999)

	Dental	Alveolar	Retroflexa	Velar	Uvular	Glotal
Fricativa desv voz				X ʁ	χ ʁ	h ɦ
Tepe	r					
Vibrante	r					
Aproximante		ɹ	ɻ			

Características acústicas dos róticos

Uma das primeiras tentativas de caracterizar acusticamente os sons de /r/ foi empreendida por Lehiste (1962), trabalho esse tão importante, que continua sendo uma das principais referências de análise acústica dos róticos sustentada pela literatura fonética da atualidade. Lindau (1980), por exemplo, propõe uma descrição acústica semelhante, atribuindo-lhe um caráter mais universalista, ou seja, buscando caracterizar acusticamente os mais diversos sons de /r/ por meio de uma propriedade peculiar. Em sua opinião, o abaixamento do terceiro formante (F3), comum aos róticos do inglês americano, seria inerente a todos os sons de /r/.

O estudo de Silva (1996), por sua vez, estabelece que as observações de Lindau (1980) também são válidas para o PB. Nesse sentido, o trabalho de Silva (1996) complementa o de Lindau (1980), pois Silva (1996) estabelece a existência de variantes intermediárias entre a vibrante e a fricativa, em posição de *onset*.

Tanto os trabalhos de Lindau (1980), quanto os de Silva (1996) observam comportamentos semelhantes nos róticos de línguas diferentes, em épocas distintas, o que mostra que tais estudos dialogam progressivamente.

Quanto à hipótese inicial, ou seja, a de que se pode estabelecer um parâmetro acústico para todos os róticos, Lindau (1980) conclui que os róticos em geral não têm um correlato acústico ou articulatório comum. Assim, talvez os sons de /r/ devam ser agrupados em famílias, pois algumas características aproximam umas variantes das outras.

Vale frisar que a literatura sobre fonética tradicionalmente relaciona a presença de F3 baixo ao [ɹ] do inglês americano. Lehiste (1962), por exemplo, estabelece que esse som se caracteriza por um F3 abaixo de 2000Hz.

Descrição acústica do tepe e da vibrante

Segundo Lindau (1980), mesmo que não haja uma característica comum a todos os róticos, parece haver características que aproximam algumas variantes das outras. Esse é o caso de tepes e vibrantes, similares quanto à duração do fechamento. As vibrantes apicais e as uvulares, por sua vez, se

parecem quanto ao padrão rápido das vibrações. Haveria, então, uma “relação de parentesco” (Lindau, 1980) entre as variantes.

Estabelecer relação entre classes fonéticas e fonológicas não é simples, como se poderia pensar a princípio. De qualquer forma, a descrição detalhada de Lindau (1980) é útil para o reconhecimento visual dos róticos em PB. Isso, porém, não basta para uma descrição fonético-acústica desses sons. É necessário também conhecer seu padrão de formantes, como fez Lehiste (1962) ao descrever acusticamente alguns alofones de /r/ no inglês. Em seu estudo, o autor pôde estabelecer como traços comuns o terceiro formante baixo e uma pequena separação entre as frequências do segundo e terceiro formantes, cujo correlato articulatório provavelmente é a retroflexão (Lehiste, 1964).

Silva (1996) realizou o primeiro estudo fonético-acústico das líquidas do PB e caracteriza [r] por uma descontinuidade espectral, pois há um momento de quase silêncio, em que se verifica apenas uma pequena barra de voz, sucedido por uma batida e a retomada da voz modal. Em seu estudo, Silva (1996) mediu as frequências dos formantes do tepe, medida que é essencial para a caracterização acústica do som, já que os formantes revelam as principais ressonâncias do trato vocal durante a produção de um segmento. O valor de F2 localiza-se em uma faixa de frequência próxima ao valor de F3. Além disso, vê-se que o F2 é alto, assim como F3. Isso mostra que a configuração de formantes de [r] é bem definida. Em média, [r] tem F1 de 312 Hz, F2 de 1456 Hz e F3 de 2196 Hz.

Já um espectrograma de [r] é bastante semelhante a um espectrograma de tepe: como este, a vibrante caracteriza-se pela descontinuidade espectral. No entanto, há uma diferença bastante clara entre [r] e [r]: as vibrantes têm uma estrutura mais complexa, em que fechamento e abertura oral repetem-se duas ou três vezes. Ressalte-se, porém, que os dados do *corpus* nos quais foi possível identificar um terceiro fechamento e uma terceira abertura oral são, na maioria, referentes a monossílabos, o que talvez seja indício da influência do número de sílabas sobre a estrutura segmental.

Na vibrante, a configuração de formantes é identificada somente num único momento, na abertura oral, ao contrário do tepe, em que, como já descrito, se reconhecem formantes durante o início e o final do fechamento. Quanto à forma de onda, vê-se que é bastante irregular como a do tepe.

Silva (1996) mediu os formantes de [r] e observou que a frequência média dos três formantes da primeira abertura oral sugere que a vibrante seja centralizada, contrariamente ao que se verificou no caso do tepe. Além disso, em comparação ao tepe, os valores médios de F2 da vibrante são mais baixos. Segundo Silva (1996), o F1 da vibrante alveolar localiza-se, em média, entre 290 e 340 Hz; o F2, entre 1088 e 1330 Hz; e o F3, entre 1860 e 2050 Hz.

Descrição acústica da aproximante retroflexa

Nos últimos anos, muitas pesquisas variacionistas sobre os róticos no PB têm mencionado a presença da variante retroflexa. Em estudo sobre a realização das consoantes pós-vocálicas no PB, Callou et al. (1997) analisaram ocorrências de /r/ em cinco capitais e identificaram sete realizações fonéticas, a saber: vibrante apical múltipla, vibrante uvular, fricativa velar, fricativa laríngea (aspirada), vibrante apical simples e aproximante retroflexa, além do zero fonético.¹³

No caso do Sul do País, o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul* (Koch; Klassmann; Altenhofen, 2002) traz dados que apontam haver uma espécie de trajetória de disseminação do [ɹ] pelos três estados.¹⁴ Já segundo o *Atlas Lingüístico do Paraná* (Aguilera, 1994), a variante dissemina-se por todo o estado, sendo realizada pelos falantes principalmente em posição de *coda* silábica.¹⁵

As referências supracitadas relativas à distribuição e caracterização articulatória do retroflexo no PB baseiam-se em

¹³ Em Porto Alegre, 7% dos informantes fizeram retroflexão em posição interna de *coda* silábica; em São Paulo, 5%; no Rio de Janeiro, em Salvador e Recife, não foram registradas ocorrências desse som. Em posição de *coda* silábica, no final das palavras, Porto Alegre registrou 3%; em São Paulo, 2% e, nas outras três capitais, não houve ocorrência.

¹⁴ Na carta 51, relativa à pronúncia da palavra *corda*, por exemplo, vê-se que, no Paraná, mais de 60% dos 18 informantes fizeram retroflexão; em Santa Catarina, em torno de 30% e, no Rio Grande do Sul, pouco mais de 5%.

¹⁵ Na carta fonética da palavra *terça-feira*, o Atlas registra 81 ocorrências de retroflexo, num total de 92 repetições da palavra por informantes distintos. Para a carta correspondente a *árvore*, nas 111 produções colhidas, houve 88 ocorrências do retroflexo. Na posição final, os dados colhidos de 97 informantes que produziram a palavra *flor* exibem 76 ocorrências de [ɹ].

análises de oitava, as quais não invalidam os estudos, embora tornem menos acurada a caracterização do som em questão. Por essa razão, o estudo de Leite (2004) é inovador, já que conjuga metodologia sociolinguística com inspeção acústica de parte dos seus dados. Mediante análise acústica, a autora apontou as seguintes variantes de /r/ no português falado no interior de São Paulo: aproximante retroflexa, aproximante alveolar, vogal colorida,¹⁶ tepe e aproximante palatal.

A exemplo dos trabalhos de Lehiste (1962) e Lindau (1980) sobre os sons de /r/ do inglês norte-americano e de Leite (2004) sobre o português de São Paulo, Ferraz (2005) realiza um estudo em que descreve acusticamente a aproximante retroflexa no dialeto paranaense. Por meio de análise espectrográfica e de medidas de formantes (F1, F2 e F3), considerando a relação entre a produção de [ɹ], contexto vocálico adjacente e posição na palavra, Ferraz (2005) analisou realizações de [ɹ] paranaense, com o objetivo de descrever – utilizando ferramentas específicas de análise acústica – como se processa esse som. Assim, as análises de Ferraz (2005) apontam que existem diferenças significativas entre as medidas de F3 de retroflexo e aproximante, formante esse marcadamente baixo no primeiro som em relação ao segundo. Quanto ao correlato acústico do retroflexo do PB, o autor aponta um F3 não exatamente baixo, como relatam Lehiste (1962) e Lindau (1980) no caso do inglês norte-americano, mas bemolizado,¹⁷ em relação ao F3 da vogal adjacente.

Descrição fonético-fonológica dos róticos do holandês padrão

Segundo descrição de Gillis e De Houwer (1998), a língua holandesa padrão tem dois fonemas róticos em posição de final de sílaba/palavra: /r/ e /ʀ/. Ao primeiro fonema, corresponde a letra “r”; ao último, “g” e “ch”. O fonema /r/ possui um alofone posicional, [r] e [ʀ] possui o alofone [χ]. Os sistemas fonético e

¹⁶ A vogal colorida a que a autora se refere é o mesmo som a que Lehiste (1962) chama r-silábico, ou seja, o /r/ com fortes características vocálicas.

¹⁷ Acusticamente, o traço bemolizado envolve abaixamento brusco ou enfraquecimento de alguns componentes de alta frequência (JAKOBSON; FANT; HALLE, 1952 apud DELGADO MARTINS, 1988).

fonológico dos róticos em posição de coda silábica no holandês padrão podem ser observados, respectivamente, nas tabelas 2 e 3.

Tabela 2: Sistema fonético do holandês padrão, adaptado de Gillis e De Houwer (1998)

	Alveolar	Velar	Uvular
Vibrante	r		
Tepe	ʀ		
Fricativa		ɣ	χ

Tabela 3: Sistema fonológico do holandês padrão, adaptado de Gillis e De Houwer (1998)

	Alveolar	Velar
Vibrante	r	
Fricativa		ɣ

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Informantes

Segundo Hack (apud Luyten, 1979), no âmbito da convivência social, percebe-se que o grupo de holandeses de Carambeí organiza-se hierarquicamente, nos seguintes grupos: 'pioneiros'; 'descendentes dos pioneiros'; e 'holandeses que chegaram após 1945'. Os 'pioneiros' são poucos atualmente, mas de extrema importância na vida comunitária, pois deram o impulso inicial, trouxeram prosperidade à colônia e mantêm fortes laços com o país de origem.

Já o grupo de 'descendentes' pode ser dividido entre os de segunda, terceira e quarta gerações. Os de segunda geração, nascidos em Carambeí, têm ainda alguma ligação com a Holanda, mas a vêem como um país que fez pouco pela colônia, antes de 1940. Por isso, consideram que o Brasil é seu país de origem. Essa geração, que representa o elemento tradicional da colônia, sofreu muito com a ausência de ensino sistemático durante os 25 anos

em que Carambéi ficou sem escola. A terceira e a quarta gerações (a última, em formação), compostas pelos jovens carambeenses, constituem-se de elementos renovadores, beneficiados, principalmente, pela educação regular: na colônia, freqüentam o ensino fundamental e, nas cidades próximas, o ensino médio e o universitário. O contato direto com a sociedade brasileira, via escola ou atividade profissional, fez com que os laços culturais e afetivos estabelecessem-se com o Brasil. No grupo de descendentes, os de terceira e quarta gerações representam o grupo em ascensão na adesão a tudo o que se identifica com a sociedade luso-brasileira, procurando contrapor-se à geração anterior.

Os 'imigrantes que chegaram após 1945' e os que se incorporam ainda hoje à colônia formam um grupo grande, porém de composição heterogênea. São geralmente técnicos agrícolas, laticinistas, engenheiros agrônomos.

Tendo em vista essas considerações, a seleção dos informantes foi feita em função do objetivo do trabalho de caracterizar acusticamente o /r/ em *coda* no português falado por descendentes de holandeses de 2ª e 3ª gerações. Por essa razão, selecionaram-se dois grupos¹⁸ de informantes nascidos em Carambéi: o primeiro (doravante Grupo 1) pertence à segunda geração de descendentes e tem como língua materna o holandês; o segundo (doravante Grupo 2) pertence à terceira geração de descendentes e, apesar de ter aprendido as duas línguas ao mesmo tempo, logo deixou de falar holandês.

No Grupo 1, da segunda geração de descendentes de holandeses, identificam-se: a) W. - 73 anos, viúva, dona de casa, filha de holandeses; b) I. - 40 anos, casada, dona de casa, filha de holandeses. No Grupo 2, da terceira geração de descendentes de holandeses, identificam-se: a) F. - 20 anos, casada, universitária, neta de holandeses; b) M. - 15 anos, solteira, estudante, neta de holandeses.

¹⁸ Optou-se, neste trabalho, por não explorar o critério "sexo", privilegiando-se os dados de melhor qualidade acústica. Fica o intento de explorar essa questão em trabalho subsequente, considerando, de acordo com Fischer (1958), que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina, ou seja, a fala das mulheres tende a ser mais conservadora que a dos homens.

Corpus

Para esta pesquisa, foram utilizados dois *corpora*, um em português e outro em holandês. O primeiro *corpus*, do português, não foi coletado com o objetivo de analisar os róticos em *coda*. O segundo *corpus*, do holandês, constitui-se de dados coletados com a finalidade específica de analisar os casos de variação nos róticos em *coda*.¹⁹ Tais *corpora* serão descritos a seguir.

Descrição do *corpus* em português

Os dados em português foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas,²⁰ cujos temas versavam sobre a atual situação do bilingüismo presente na colônia de Carambeí. Os dados analisados neste trabalho foram:

Corpus 1 – Português

- | | | |
|----------------|-------------------|----------------|
| 1. Amargo | 12. Curso | 23. Perdido |
| 2. Aniversário | 13. Diversificada | 24. Perdoou |
| 3. Armazém | 14. Enfermeira | 25. Pergunto |
| 4. Arte | 15. Enxergo | 26. Porto |
| 5. Calor | 16. Farmácia | 27. Português |
| 6. Cargos | 17. Forma | 28. Terminar |
| 7. Catorze | 18. Forno | 29. Terminou |
| 8. Certa | 19. Forte | 30. Torta |
| 9. Certeza | 20. Irmãos | 31. Verdade |
| 10. Certinho | 21. Parte | 32. Vice-versa |
| 11. Converso | 22. Perdendo | |

¹⁹ Esses dados foram coletados quando da decisão de caracterizar acusticamente os róticos do holandês.

²⁰ Estilo cuidadoso/planejado. Em gravações não-secretas, o estilo de fala é formal, pois a presença de um gravador faz com que os interlocutores prestem mais atenção ao estilo de fala que utilizam (MODESTO, 2006). Já a opção pela conversa semi-estruturada deve-se ao fato de que ela permite, mais do que a conversa livre, a realização dos traços fonético-fonológicos controlados pela pesquisa (MARGOTTI, 2004).

Descrição do *corpus* em holandês

Para a montagem do *corpus*, selecionaram-se palavras correntes em holandês, as quais continham róticos em *coda*, na posição de final de palavra. As gravações foram feitas em sala silenciosa, diretamente na placa de som do computador, com microfone unidirecional. O *corpus* gravado no presente trabalho foi:

Corpus 1 – Holandês (palavras com /r/)

1. Arm	6. Door	11. Naar	16. Traktor
2. Bar	7. Eerst	12. Naar	17. Voor
3. Beer	8. Haar	13. Schaar	18. Warm
4. Berk	9. Haar	14. Staart	19. Weer
5. Daar	10. Meer	15. Taart	20. Werk

Entrevistas / Coleta de dados

Utilizaram-se dois procedimentos distintos para a coleta dos dados. No caso da coleta do *corpus* em português, cujo estilo de fala era cuidadoso/planejado, realizou-se entrevista semi-estruturada, nos moldes dos questionários sociolingüísticos labovianos. No caso da coleta do *corpus* em holandês, realizou-se leitura de enunciados,²¹ em um total de 39 itens lexicais, em frase-veículo (*diga ___ de novo*). Os informantes leram as frases do *corpus*, as quais foram gravadas em uma sala silenciosa, diretamente na placa de som do computador, com um microfone unidirecional. Os dados foram gravados em única entrevista.

RESULTADOS

Para a realização das análises, os dados foram submetidos à análise acústica, utilizando-se o *software* Praat,²² desenvolvido

²¹ Para Margotti (2004), a leitura é o estilo de fala mais cuidadoso, tendo em vista a influência do ensino escolar, pautado pela variedade lingüística de prestígio.

²² Para detalhes sobre esse programa e seu funcionamento, vide Albano et al. (1995). O programa citado pode ser obtido gratuitamente na internet em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.

por Paul Boersma e David Weenink, no Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdã. Tanto no *corpus* em português, quanto no *corpus* em holandês, o objetivo era verificar o comportamento dos róticos nessa posição.²³

Para caracterizar acusticamente os róticos em *coda* no português falado pela segunda e terceira gerações de descendentes de holandeses de Carambeí, mediram-se as frequências de F1, F2 e F3 dos róticos. O sinal digitalizado foi usado para: 1) exibir a forma de onda de um dado segmento de uma frase-veículo; 2) gerar espectrogramas de cada uma das frases-veículo; 3) gerar o espectro de um segmento em um dado instante de tempo. A seguir, serão observados espectrogramas, sobre cujos róticos em posição de *coda* serão feitas observações, considerando a análise apresentada.

O primeiro espectrograma (Figura 1) refere-se aos dados do Grupo 1, *corpus* em português. No português das informantes do Grupo 1 (segunda geração), prevalece a vibrante alveolar, que consiste em dois ou três pulsos. A configuração dos formantes da vibrante é mais bem identificada na abertura oral (ao contrário do tepe, em que se reconhecem formantes durante o início e o final do fechamento). Quanto à forma de onda, vê-se que é bastante irregular: há momentos, correspondentes aos fechamentos, quando praticamente zeram as frequências, e outros, equivalentes às aberturas orais, quando se identificam períodos de intensidade menor que os das outras soantes.

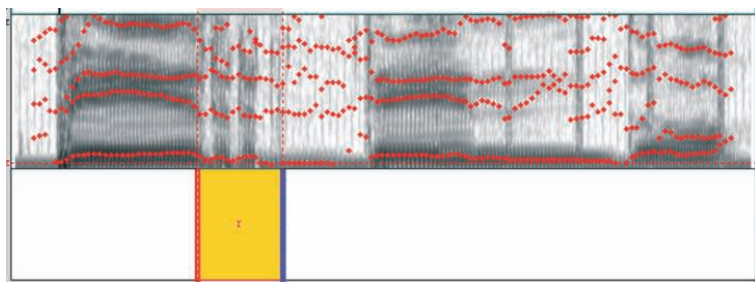


Figura 1: vibrante alveolar (Informante I., Grupo 1. *Corpus* em português).

²³ Observar-se-ia se o correlato acústico do /r/ em *coda* é o F3 baixo (LEHISTE, op.cit.; LINDAU, 1980).

O segundo espectrograma (Figura 2) também se refere aos dados do Grupo 1, mas do *corpus* em holandês. Observa-se que, no holandês das informantes do Grupo 1 (segunda geração), predomina a vibrante alveolar, que é bastante semelhante (em termos de configuração dos formantes) à vibrante que ocorre no português que elas falam.

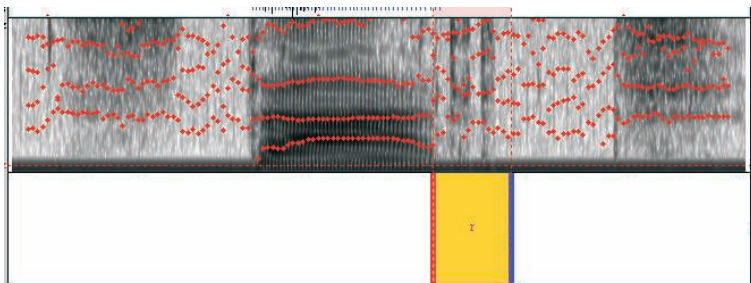


Figura 2: [r] vibrante alveolar (Informante I., Grupo 1. *Corpus* em holandês).

Em relação aos dados do português do Grupo 2, entre as variantes de /r/ em *coda* encontradas, destaca-se a variante retroflexa de F3 bemolizado (espectrograma da Figura 3), além das variantes aproximante retroflexa e aproximante alveolar. Ferraz (2005), que analisou acusticamente os róticos em *coda* em um dialeto do interior do Paraná, apontou diferenças significativas entre as medidas de F3 de retroflexo e aproximante, formante esse que é marcadamente baixo no primeiro som em relação ao segundo. Quanto ao correlato acústico do retroflexo do PB, o autor aponta um F3 não exatamente baixo, mas bemolizado, ou seja, que envolve um abaixamento brusco (Jakobson; Fant; Halle, 1952 apud Ferraz, 2005) em relação ao F3 da vogal adjacente.

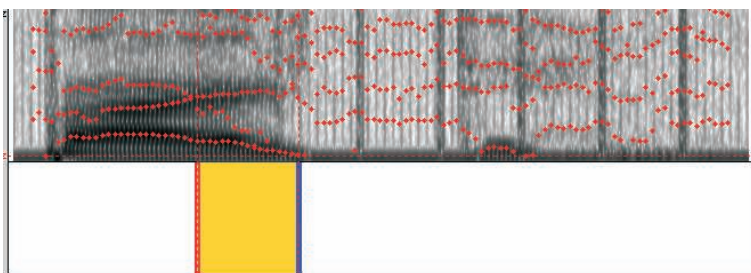


Figura 3: retroflexo de F3 bemolizado (Informante M., Grupo 2. *Corpus* em português).

Ainda em relação ao português falado pelo Grupo 2, no espectrograma a seguir (Figura 4), onde se lê “governo”, observa-se a variante aproximante retroflexa, cujo correlato corresponde a um abaixamento do terceiro formante (F3), que se aproxima do segundo formante (F2).

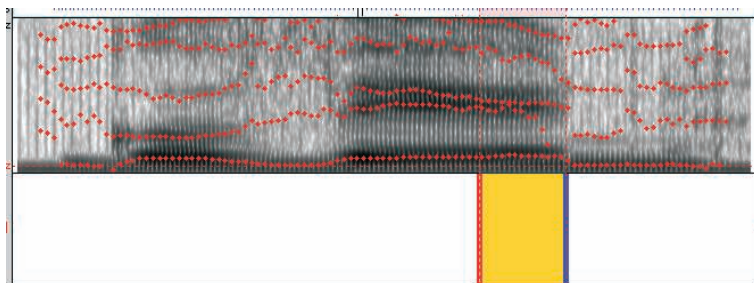


Figura 4: [ɹ] aproximante retroflexa (Informante M., Grupo 2. *Corpus* em português)

Há ainda a aproximante alveolar (Figura 5), que tem como correlato acústico um levantamento do terceiro formante, chegando a se aproximar do quarto formante. No espectrograma da Figura 5, onde se lê “passaporte”, pode-se visualizar um exemplo da variante aproximante alveolar.

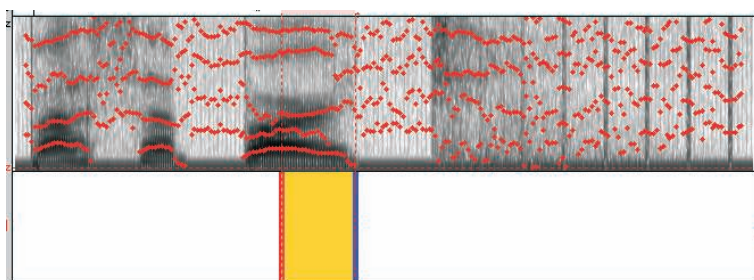


Figura 5: [ɹ] aproximante alveolar (Informante M., Grupo 2. *Corpus* em português)

Análise da frequência dos formantes do /r/ em coda

Corpus em português

Os primeiros, segundos e terceiros formantes (F1, F2 e F3) do /r/ em coda foram medidos no programa Praat, com o auxílio de espectrogramas. Os valores encontrados estão expressos na seqüência.

Frequência dos formantes do /r/ em coda

Grupo 1 – Segunda geração

	F1	F2	F3	Ocorrência do som
[r]	309	1776	2632	100%

Grupo 2 – Terceira geração

	F1	F2	F3	Ocorrência do som
[ɹ]	407	1654	2143	42,5%
[ɻ]	505	1996	2290	50%
Retroflexo de F3 bemolizado	432	1703	2213	7,5%

Corpus em holandês

O corpus em holandês foi analisado da mesma forma: também se mediram os primeiros, segundos e terceiros formantes (F1, F2 e F3) do /r/ em coda no programa Praat, com o auxílio de espectrogramas. Os valores encontrados estão expressos a seguir.

Frequência dos formantes do /r/ em coda

Grupo 1 – Segunda geração

	F1	F2	F3	Ocorrência do som
[r]	308	1781	2637	80%
[r]	Não foi possível medir	1238	2338	20%

Grupo 2 – Terceira geração

	F1	F2	F3	Ocorrência do som
[ɹ]	498	1988	2287	45%
[ɻ]	409	1657	2145	21%
[r]	311	1779	2639	13%
Retroflexo de F3 bemolizado	428	1754	2237	21%

Observa-se que os dados relativos a [r] no *corpus* em português corroboram os dados do trabalho de Silva (1996). Já os dados relativos a [ɻ] e [ɹ] em português corroboram os dados de Leite (2004) e os relativos ao retroflexo de F3 bemolizado também em português corroboram os dados de Ferraz (2005). Além disso, verifica-se uma grande semelhança formântica entre o [r] em *coda* no português e o [r] em *coda* no holandês falado pela segunda geração de descendentes. É importante observar que a diferença entre os dados obtidos pelo Grupo 1 em relação ao Grupo 2 sugere haver uma mudança em curso no português falado pelos descendentes de holandeses, no que diz respeito aos róticos em posição de *coda*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo dedicou-se à caracterização acústica dos róticos em *coda* presentes no português falado em Carambei por descendentes de holandeses de 2ª e 3ª gerações, comparando-os. Para caracterizar acusticamente os róticos em *coda* no português falado pela segunda e terceira gerações de descendentes de holandeses de Carambei, mediram-se as frequências de F1, F2 e F3 dos róticos, utilizando-se o *software* Praat.

As análises apontaram que o rótico em *coda* no português falado pela 2ª geração de descendentes é a vibrante alveolar, [r]. Em relação ao português falado pela 3ª geração de descendentes, encontraram-se as seguintes variantes de róticos em *coda*: aproximantes retroflexa e alveolar, como em Leite (2004) e retroflexo de F3 bemolizado, como em Ferraz (2005).

A diferença entre os dados obtidos pela 2ª geração em relação aos da 3ª geração sugere haver uma mudança em curso no

português falado pelos descendentes de holandeses, no que diz respeito aos róticos em posição de *coda*. Percebe-se, inclusive, que alguns informantes atentam para essa possível mudança em curso, pelo fato de fazerem observações tais como “pronunciar [r] é esnobe”, ao passo que, segundo sua opinião, usar a variante aproximante retroflexa e alveolar “é comum às pessoas que são simples, ou seja, não têm *frescura*”. Fica a sugestão para que estudos de natureza variacionista confirmem essa provável mudança em curso e sua extensão.

Relacionando-se os resultados do trabalho de Luyten (1979) aos resultados desta pesquisa, pode-se concluir que a variante vibrante múltipla em posição de *coda* é a variante conservadora, já que caracteriza o português falado pela 2ª geração de descendentes de holandeses. Já as aproximantes retroflexa e alveolar, além do retroflexo de F3 bemolizado, observados no português da 3ª geração de descendentes, são variantes inovadoras, pois não representavam mais apenas o português falado pelos não-holandeses.

Além de se medirem os formantes dos róticos em *coda* no português falado pela 2ª geração para sua caracterização acústica, compararam-se os dados referentes à vibrante aos dados da vibrante em *coda* silábica no holandês falado pelo mesmo grupo de informantes. Essa comparação demonstrou que uma grande semelhança formântica estabelece-se entre os dois sons.

Por fim, é importante ressaltar que essa pesquisa não pretende resolver a questão do comportamento dos róticos em *coda* no PB de Carambeí. Muitas coisas podem ainda ser ditas a esse respeito, em estudos sociolingüísticos ou fonéticos. No entanto, espera-se que este estudo tenha cumprido sua função, contribuindo, de alguma forma, para futuras descrições do comportamento fonético-acústico dos róticos em *coda* em dialetos do PB, bem como adicionando algumas informações a pesquisas sobre os róticos em geral.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete.M.; SÁNDALO, Maria Filomena S. Os róticos revisitados. In: DA HORA, Demerval.; COLLISCHONN, Gisela. *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2003. p.144-180.

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Londrina: Editora da UEL, 1994.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BONET, Eulália; MASCARÓ, JOAN. *On the representation of contrasting rhotics*. Barcelona: Universidade Autònoma de Barcelona, 1996.
- CALLOU, Dinah et al. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.). *Gramática do português falado*, v.VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1997.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977 [1953].
- COUTO, Hildo Honório do. Contato de línguas. In: *Contato Interlingüístico: da interação à gramática*. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/let/crioul/contato.htm>>. Acesso em: 26 out. 2006.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.
- DELGADO MARTINS, Maria Raquel. *Ouvir falar: introdução à fonética do português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.
- FERGUSON, Charles A. Diglossia. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema (Org.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p.99-118.
- FERRAZ, Irineu da Silva. *Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro: dados de informantes de Pato Branco (PR)*. 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2005.
- FRAGA, Leticia. O português falado em Carambeí/PR: considerações iniciais de estudo fonológico. In: CIEL, III, Ponta Grossa, 2005. *Anais...* Ponta Grossa, Ed. UEPG, 2005.
- _____. Os róticos no português de Carambeí/PR. *Estudos Lingüísticos*, n. XXXV, p. 1113-1122, 2006a.
- _____. Interferência lexical do holandês no português falado em Carambeí/PR. In: ENCONTRO DO CELSUL, VII, 2006, Pelotas. *Anais...* Pelotas: Educat, 2006b. 1 CD-ROM.
- GILLIS, Steven; DE HOUWER, Annick (Org.). *The acquisition of Dutch*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.
- HARRIS, JAMES. Flaps, trills and syllable structure in Spanish. In: CSIRMAZ, Aniko et al. (Org.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v.42, p.81-108, 2002.

KENT, Ray D.; READ, Charles. *The acoustic analysis of speech*. San Diego: Singular Publishing Group Inc., 1992.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cléo V. (Org.). *ALERS: Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora da UFSC; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. Rhotics. In: _____. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Backwell Publishers, 1996. p.214-245.

LEHISTE, Ilse. *Acoustical characteristics of selected English consonants*. The Hague: Mouton, 1964.

LEITE, Cândida Mara Britto. *Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Campinas: IEL/ UNICAMP, 2004.

LINDAU, Mona. The story of /r/. *UCLA Working Papers in Phonetics*, 51, 1980.

LUYTEN, SÔNIA M. B. *O papel da comunicação na aculturação dos holandeses no Paraná: o caso da colônia de Carambeí*. 1979. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - São Paulo: ECA/USP, 2004.

MALMBERG, Bertil. *La phonétique*. Paris: PUF, 1971.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. 314f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. Reflexões sobre o uso das formas de tratamento entre santistas: aspectos sociolingüísticos e funcionais. *Estudos Lingüísticos*, XXXV, p.379-385, 2006.

MONARETTO, Valéria et al. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2001.

ROOY-GISCHLER, Auguste Francisca de; LENS-FASTING, Emilie M. *Curso básico de neerlandês: Holanda, sua língua e seus costumes*. Lissersbroek: Fasko Mediagroep, 1985.

SILVA, Adelaide Hercília P. *Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano*. 1996. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Campinas: UNICAMP, 1996.

Recebido em setembro de 2007
e aceito em fevereiro de 2008.

Title: *The Portuguese spoken by people of Dutch descent in Carambeí (PR) and the rhotics in coda*

Abstract: *This paper presents a comparative study of the acoustic featural of the rhotics in coda in the carambeiense Portuguese spoken by the second and third generations of Dutch descendants. Despite the phonetic nature of the work, the intention is to set up the basis for a future search of variacionist nature based on the data obtained, since former studies (Fraga, 2005; Fraga, 2006a) show a change in progress in the rhotics in coda in Carambeiense Portuguese. Considering the situation of contact among Dutch and Portuguese and the bilingualism of the Dutch descendants resulting from this contact, the /r/ in coda in the Dutch spoken by the informers was also analyzed, in spite of the lack of fluency of the third generation of descendants. The data in Dutch were compared to the data in Portuguese, in order to verify possible resemblances among these sounds.*

Keywords: *rhotics; acoustic study; experimental phonetics; Portuguese/Dutch Bilingualism; language contact.*